

“EU SOU DAQUI, MEUS PAIS NÃO!”

*Sílvio Marcus de Souza Correa **

*Karin Elinor Sauer ***

*Carina Santos de Almeida ****

Nas últimas décadas, houve um aumento dos estudos sobre juventude no Brasil, especialmente no campo da sociologia. Até a década de 70, de um modo geral, havia poucos trabalhos sobre a questão juvenil no Brasil. Mas refletir sobre a condição juvenil implica uma compreensão polissêmica da juventude. No Brasil, há jovens que residem em espaços distintos: cidades pequenas, médias e grandes, meio rural e urbano. Assim, a juventude brasileira apresenta inúmeras formas de diferenciação como gênero, pertencimento étnico, origem social e geográfica. Tal diversidade não é apanágio de jovens metropolitanos. Nas cidades de pequeno e médio porte tem-se uma juventude plural em espaços singulares, onde a condição juvenil não é homogênea (Catani, 1998; Vasconcelos, 2002; Correa, 2007; Novaes, 2006).

Se, por um lado, a juventude apresenta condições desiguais em termos sócio-econômicos, culturais e espaciais, a desigualdade advinda pela trajetória de jovens marcada ou não

pela migração também se manifesta na sociedade ampla. Os jovens relacionados à migração, direta ou indiretamente (via parental), apresentam trajetórias ou mesmo narrativas familiares similares em alguns aspectos. Entre os jovens migrantes e aqueles de “segunda geração”, as diferenças podem se expressar, por exemplo, pelo tempo de residência na sociedade acolhedora.

Os jovens que aqui chamamos de “segunda geração” ou “filhos da migração” possuem sentimentos diferentes de pertencimentos do que aqueles dos jovens migrantes. Este estudo sobre a migração para a cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul (RS) tem por base empírica entrevistas coletivas (grupos focais) e seu objetivo principal foi detectar os pontos de aproximação e/ou de distanciamento existentes entre os jovens com trajetória biográfica (inter ou intra-geracional) marcada pela migração. As impressões acerca da inserção, pertença, integração e satisfação de jovens migrantes ou de “segunda geração” têm também suas

idiosincrasias.

JUVENTUDE AUTÓCTONE, PARENTELA ALÓCTONE

A condição juvenil numa cidade de porte médio no Rio Grande do Sul

A juventude, assim como as demais épocas da vida, é uma construção social e cultural de limites não muito nítidos. A juventude tem um caráter de “limite” por estar entre as margens móveis da dependência infantil e a autonomia da idade adulta, sua natureza é fugidia e está carregada em seu aspecto cultural em todas as sociedades: significados simbólicos, promessas e ameaças, potencialidades e fragilidades. Sua condição é de transitoriedade, ou mesmo relatividade, não sendo possível definir previamente o início e nem o término da condição juvenil. O reconhecimento do espaço da juventude não permite definir plenamente seus direitos e deveres, acarretando por fim numa ambigüidade. Os jovens estão em processo de elaboração de uma iden-

tidade própria ou de uma individualização. Possuem uma qualidade provisória, modo muito particular da juventude, visto que tais indivíduos não pertencem a este grupo etário, mas o atravessam (Abramo, 1994; Levi e Schmitt, 1996).

Esta condição de transitoriedade é também de inconstâncias, a vida dos jovens é marcada pelas descontinuidades e flutuações. Nesse sentido estão orientados pelo presente, pois o futuro muitas vezes fracassa em oferecer possibilidades. Em comparação com as gerações mais velhas, a condição juvenil se orienta por rotas de ruptura ou de desvio, enquanto que os primeiros já possuem caminhos e valores de segurança que guiam suas vidas (Pais, 2006).

O termo juventude não deve ser reduzido a uma faixa de idade, a uma fase do ciclo biológico em que um desenvolvimento físico é bastante característico. Há uma dimensão sócio-cultural da juventude e que abarca inúmeras mudanças psicológicas, sociais e culturais. Quando a condição juvenil é marcada pela migração, a integração social se reveste de outra dimensão.

Os jovens de “segunda geração”, herdeiros dum processo de mobilidade espacial, podem se encontrar num espaço que adquire certa “naturalidade”, mas que pode não se referir à sua origem ancestral, ao passado, ou mesmo, à memória de sua ascendência. Os jovens de “segunda geração” podem ter um forte sentimento de pertencimento à sociedade de destino dos pais. Esse sentimento depende de certas experiências de socialização que ocorrem no cotidiano da escola, do bairro, do clube, etc. Tal vínculo social pode fazê-los sentir necessidade de romper com um passado, uma origem, uma história ou memória familiar que remeta a outro(s) pertencimento(s)

(Sauer, 2007).

Os primeiros jovens autóctones de Santa Cruz do Sul tinham uma parentela alóctone, já que foram imigrantes alemães que fundaram a colônia de Santa Cruz em 1849. Com o crescimento urbano-industrial do século passado, a cidade se tornou ponto de destino de uma migração intra e inter-regional. Assim, o estoque germânico foi se reduzindo e uma população mais heterogênea em termos étnicos aumentou na capital regional do Vale do Rio Pardo (RS). Se os jovens migrantes formam um subgrupo expressivo entre a juventude de Santa Cruz do Sul, a maioria dos jovens autóctones tem parentela alóctone.

QUEM SÃO OS JOVENS HERDEIROS DA MIGRAÇÃO?

A migração oxigena uma sociedade

Os jovens chamados de “segunda geração” ou “filhos da migração” podem apresentar maiores vantagens de integração social que seus pais. Da mesma forma se distinguem dos jovens migrantes, visto que estes últimos têm muito presente na sua relação com a nova cidade a questão da migração. Em geral, essa relação é do rural para o urbano, de uma pequena cidade à capital regional. A geração nascida depois da migração apresenta, em sua grande maioria, um sentimento de pertencimento que pode nunca ocorrer com os jovens migrantes.

No caso da capital regional do Vale do Rio Pardo, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, com pouco mais de 100 mil habitantes, a migração inter e intra-regional se intensificou a partir da década de setenta do século XX. A

consolidação do complexo agro-industrial tabagista foi um importante fator de atração dessa migração. No censo do IBGE de 2000, o município possuía uma população de quase 40% de migrantes, sendo que 85% fixaram residência no município neste período.

No último quartel do século XX, a população urbana de Santa Cruz do Sul ultrapassou a rural. A cidade teve seu perímetro urbano ampliado. Na zona sul da cidade tem-se a maior densidade demográfica e o maior número de famílias residentes com origem alóctone. Boa parte dessa população tem como atividade econômica serviços não qualificados e empregos vinculados às indústrias fumageiras que se concentram no distrito industrial. Muitos migrantes passaram por um processo de proletarização, deixando o campo e as atividades agrícolas para a periferia urbana e para as atividades industriais.

Em Santa Cruz do Sul, os migrantes fazem parte de uma história recente, ou seja, são presente e futuro, e não passado e origem. A questão da história e da memória alicerça-se na questão temporal, assim, a falta de vínculo com o passado da cidade, é, talvez, justificativa para estar fora da memória coletiva da cidade, mesmo sabendo que cada indivíduo possui uma memória individual e se encontra fisicamente inserido na sociedade. A ressalva em relação ao deslocamento familiar está no nascimento de uma nova geração, que pode necessariamente não apresentar dificuldades de pertencimento.

Acredita-se que a migração contribua para oxigenar uma sociedade, como também pode comprometer e implicar diretamente no desenvolvimento da mesma, como é o caso de Santa Cruz, onde o trabalho do migrante foi motivado pela economia agroindustrial transnacional e

contribuiu, decisivamente, para o processo de urbanização da cidade, provocando transformações consideráveis nos espaços urbanos – território (Correa, 2002; Silveira, 2000).

Em Santa Cruz do Sul, os migrantes residentes há mais tempo e que participam de associações, sindicatos e clubes, acabam tendo uma maior integração social e cultural do que os migrantes recém-chegados. A própria união conjugal com habitantes locais corrobora para a integração do migrante, mas, a integração deste depende, sobretudo, da melhoria de vida em termos sócio-econômicos, visto que isto permite participação nos diversos campos da sociedade local. Em condição contrária, sua participação será aleatória e fortuita (Correa, 2002).

A questão da geração é fundamental quando se estuda a juventude, ela tematiza o problema da “herança cultural” da mesma forma que a questão do “estilo” como produto do “sentir, pensar e agir”; ao analisar jovens de “segunda geração” está-se levando em consideração a geração, mas, sobretudo, a localização dos mesmos. A geração se refere ao pensamento, sentimento, comportamento, partilha de experiências dos indivíduos pesquisados que se situam ou se encontram numa dada região geográfica e cultural, mas sua similaridade reside na questão etária e neste caso, na condição de jovens filhos de migrantes (Abramo, 1994).

QUEM SÃO OS JOVENS DE ALHURES, QUEM SÃO OS JOVENS DAQUI?

Essas reflexões sobre a juventude de “segunda geração” são resultados de um estudo com base em entrevistas

com 31 jovens nascidos nos anos de 1988, 1989, 1990 e 1991, com idades entre 16 a 19 anos. Os jovens pesquisados eram estudantes do terceiro ano do ensino médio e foram entrevistados, num primeiro momento, individualmente para, num segundo momento, serem entrevistados coletivamente (quatro grupos distintos: cada grupo era composto por jovens na condição de “migrantes” e de “segunda geração”). As entrevistas foram realizadas no ambiente escolar dos jovens, em três escolas da rede pública estadual e uma escola da rede privada localizadas em diferentes bairros da cidade de Santa Cruz do Sul/RS. Assim, as entrevistas que apontam as opiniões (coletivas) dos jovens a partir de suas trajetórias e experiências individuais, foram concretizadas com a utilização da técnica conhecida como grupos focais.

Dois questões abrangentes foram consideradas sobre os jovens “migrantes” e “segunda geração”: a questão da “memória” (passado, origem, história) e a questão do “pertencimento” (identificação com a cidade). Buscou-se saber sobre os jovens (coletivo), como se sentiam em relação à cidade de Santa Cruz do Sul: gostam da cidade, desejam permanecer morando, sentem-se “santa-cruzenses”, e, por outro lado, se os mesmos sabem a história, o passado e a origem familiar e como se sentem em relação ao “esquecimento” do passado. Nesse sentido, surgiram questões substanciais que apontam diferenças e semelhanças entre jovens.

Através das entrevistas, percebeu-se uma distinção entre jovens “migrantes” e jovens de “segunda geração”. Esses jovens se diferem pelas narrativas de suas trajetórias ou histórias de vida familiar, nas quais o vínculo com a cidade de Santa Cruz do Sul pode remontar a uma ou mais

gerações. Mas a maioria dos jovens faz pouca referência ao passado ancestral.

Os jovens que se encontram nesta condição de “sem passado” em Santa Cruz possuem, como todos os indivíduos, uma ascendência, uma história, mas necessariamente, não apresentam uma memória familiar no sentido de rememoração. O que prevalece entre os jovens é uma diminuta preocupação com o seu passado e suas origens, talvez isto seja o fator que contribua para que, mesmo não tendo vínculos de origem com o passado e a história do município em que estão inseridos, consigam não se diferenciar dos “outros jovens santa-cruzenses” e, assim, considerarem-se propriamente santa-cruzenses. Por outro lado, apresentam-se os jovens migrantes que residem há poucos anos no município, os quais não se consideram santa-cruzenses e não se identificam com esta sociedade, deparando-se com a questão de serem jovens “diferentes”, porém, jovens que gostam do seu passado e de sua cidade de origem.

A juventude, de forma geral, encontra-se orientada pela janela do presente e do futuro, não reside nela memórias sobre as trajetórias familiares, é como se, depois que os pais migraram e se estabeleceram na nova sociedade, surgisse uma nova história, ou, surgisse a sua história, resguardando muito pouco do passado, restando mesmo o presente e o futuro. O passado já não é mais importante. A história e as origens familiares não são fatores intervenientes nas suas vidas, o que sabem sobre suas famílias é pouco representativo.

Quando se perguntou sobre suas histórias, os jovens, em sua maioria, relataram sobre a vinda de seus pais ao município, a influência de familiares que em alguns casos foram incentivadores da migração, como foi

o seu desenvolvimento em Santa Cruz, enfim, eles muito pouco sabiam sobre os seus avós e antepassados. Os jovens de “segunda geração” apontaram um distanciamento familiar maior, muitos afirmaram conhecer poucos parentes, ou mesmo não conhecer seus avós, suas histórias reduzem-se ao que os pais falam sobre a família. A história desta juventude está estreitamente vinculada com a nova cidade de destino da migração dos pais.

Os jovens que residem por longo tempo na nova sociedade (jovens migrantes ou da segunda geração) ao falarem da história de suas vidas, de suas famílias e das expectativas familiares em relação à Santa Cruz do Sul, argumentam sobre a importância da migração para o desenvolvimento familiar e as melhores condições de vida que encontraram nesta.

Entre os mesmos jovens entrevistados, encontram-se algumas diferenciações, como o fato de estudarem em escola privada e outros em escola da periferia urbana. Os jovens do ensino privado afirmaram que o conhecimento que possuíam em relação às suas histórias foi construído em um trabalho de pesquisa escolar, no qual investigaram o passado familiar. Os jovens das escolas públicas em nenhum momento mencionaram a intervenção dos estudos escolares no conhecimento que possuíam sobre seu passado e suas histórias familiares.

A partir das “falas juvenis” foi possível perceber um forte sentimento de “história do tempo presente”, os jovens ressaltaram que nunca haviam pensado sobre suas memórias, suas histórias, seu passado e sua origem. Afirmaram, categoricamente, que mesmo que soubessem sobre o “passado”, este “não faz diferença”, “não muda nada”, “não influencia”,

apenas é “interessante” ou mesmo “curioso”.

Os jovens entrevistados mostraram “não saber”, ou, “saber muito pouco” sobre seu passado e origem. Manifestaram ainda indiferença em saber sobre o seu passado ou sobre o passado da cidade. Apesar dos mesmos mostrarem-se distantes de seu passado e “sem tempo” para descobri-lo, visto que afirmam estarem envolvidos com outras “coisas” mais importantes, como os “estudos”, o “vestibular”, o “trabalho”, os jovens entrevistados demonstraram intenção, após as entrevistas em grupo, de conhecer melhor seu passado e sua história.

“Eu estou aqui, eu pertencço a aqui”

O tempo de residência na cidade interfere na noção de pertencimento. Os jovens que residem há poucos anos em Santa Cruz mostram-se menos identificados com a cidade, enquanto aqueles que residem há mais tempo (migraram quando eram crianças) demonstram uma melhor disposição em relação ao município. Os jovens que migraram para a cidade no período da infância identificam-se mais com a cidade, aqui, o sentimento de pertença assemelha-se aos jovens da “segunda geração”.

No que se refere às trajetórias dos jovens de uma cidade de porte médio gaúcha, a juventude “segunda geração” apresenta maiores níveis de satisfação e integração que os migrantes que se fixaram em Santa Cruz nos últimos anos. Ao comparar as respostas de jovens na condição de “migrantes” e de “segunda geração”, foram os segundos que se mostraram mais felizes em relação à cidade onde moram e nasceram.

Um fator significativo que aproxima os jovens “migrantes” e de

“segunda geração” em relação à cidade são os atrativos que ela oferece à juventude. Quando um jovem migrante realiza um deslocamento de uma cidade pequena a uma cidade média, ou, mesmo quando faz o movimento campo-cidade, a satisfação em estar numa cidade maior, com mais atrativos de lazer e melhor infra-estrutura é expressiva. Neste mesmo sentido, o jovem de “segunda geração”, quando indagado sobre o lugar de origem familiar, se este desejaria residir no município de nascimento dos pais, ele na maioria dos casos, afirma negativamente, isto é mais evidente se o lugar de origem familiar é um município menor ou mesmo no meio rural.

Os jovens migrantes narram que não se identificam com Santa Cruz pela sua história, que muitas vezes é associada à imigração alemã do século XIX, ou mesmo pela sua cultura, referida pelos jovens como fechada, mas se identificam com o município porque este oferece boa qualidade de vida, uma cidade bonita, com boas condições de moradia em relação aos lugares de origem.

De acordo com a pesquisa, os jovens migrantes que residem numa sociedade há mais tempo, ou desde a infância, acabam desenvolvendo noções de pertencimento tão fortes quanto os jovens de “segunda geração”. Mas um pertencer que não está vinculado à narrativa histórica e memorial do município, mas um pertencimento associado ao conjunto de fatores positivos atribuídos pelos jovens à nova sociedade. Neste contexto, se a condição sócio-econômica do jovem migrante era inferior em seu antigo lugar de origem em comparação ao novo lugar, mais identificação com a nova sociedade apresenta este jovem.

Em relação à juventude “estabelecida” (jovens nascidos no local, de

famílias estabelecidas por duas gerações ou mais), os jovens de “segunda geração” e os “migrantes” apresentam uma vantagem: eles podem utilizar seus lugares de origem (parental) como parâmetro comparativo; podem também justificar sua difícil inserção ou mesmo pouca integração social por não serem “de” ou sua família ser “de” certo lugar. Mesmo assim, a tendência é que a segunda geração e o migrante (quanto mais tempo resida numa sociedade, desde criança), desenvolvam sentimento de identificação e pertencimento devido aos vínculos estreitos e laços de afetividade, amizade, entre outros. Certamente os pais destes jovens apresentam outros sentimentos em relação ao novo lugar de residência.

A “segunda geração” como ponte entre o passado de alhures e o futuro em algum lugar

Os jovens de “segunda geração” se diferem em relação ao sentimento de “pertença” na sociedade que estão inseridos quando comparados com os sentimentos de jovens alóctones. Mas os jovens, de um modo geral, se mostram desapegados e descompromissados com o passado, com a origem, com a história e com a memória familiar. Da mesma forma, todos os jovens entrevistados, que totalizaram 31 estudantes de quatro escolas e bairros distintos, mostraram-se sem preocupações em relação à narrativa histórica familiar, achando negativo o fato de não saber informações sobre as suas famílias, mas afirmando que, saber ou não sobre a história familiar não irá modificar suas trajetórias futuras ou mesmo comprometer seu presente.

Porém, a entrevista é uma interação social. Individual ou em grupo, a

entrevista propicia uma ação reflexiva dos jovens. Nesse sentido, percebemos que – durante as sessões dos grupos focais – os jovens reviram algumas opiniões iniciais. A cada encontro, os jovens traziam mais informações, pois haviam se informado sobre suas memórias e histórias familiares e, descoberto, mais e mais “coisas interessantes”, sendo que muitas vezes se viam respondendo questões que nos encontros anteriores não sabiam. Os jovens demonstraram disposição em pesquisar sobre as suas histórias pessoais, a grande maioria também apontou que fora a primeira vez que alguém havia perguntado sobre a sua história, sua origem, seu passado e sobre as suas memórias. Contudo, o fato de terem participado das entrevistas na forma de histórias orais não significa que estejam comprometidos com o seu passado, os jovens mostraram-se realmente comprometidos com o seu “presente”, ponte entre o passado de alhures e o futuro em algum lugar.

* **Sílvio Marcus de Souza Correa é Doutor pela Westfälische Wilhelms-Universität Münster e pesquisador junto ao Centro de Pesquisa sobre Desenvolvimento Regional (CEPEDER) da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC.**

** **Karin Elinor Sauer é Doutora pela Universidade de Tübingen e pesquisadora em estágio de pós-doutorado em Desenvolvimento Regional na UNISC/apoio FAPERGS.**

*** **Carina Santos de Almeida é Mestranda em Desenvolvimento Regional/UNISC/bolsista CAPES.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel
(1994) *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Ed. Página Aberta.

CATANI, Maria Alice Nogueira Afrânio (org.)

(1998) *Pierre Bourdieu – Escritos de Educação*. 8ª ed., Petrópolis.

CORREA, Sílvio. M. S.

(2002) “Migração e a Desigual Distribuição Espacial do Capital Humano”. *Raízes - Revista de Ciências Sociais e Econômicas*. Campina Grande, v. 21, nº 2, p. 273-286.

CORREA, Sílvio. M. S.

(2007) *Os Jovens na Cidade de Porte Médio*. Texto cedido pelo autor e em fase de publicação (Les Éditions de IQRC e Fundação Oswaldo Cruz).

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude

(1996) *História dos Jovens. Da antiguidade à era moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, v.1.

NOVAES, Regina

(2006) “Os Jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

PAIS, José Machado

(2006) “Busca de si: expressividade e identidades juvenis”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

SAUER, Karin Elinor

(2007) *Integrationsprozesse von Kindern in multikulturellen Gesellschaften*. Wiesbaden, VS – Verlag für Sozialwissenschaften.

SILVEIRA, Rogério L. L. da

(2000) “A Internacionalização do Setor Agrofumageiro e o Processo de Urbanização em Santa Cruz do Sul/RS”. In: *Ágora*. Revista do Departamento de História e Geografia da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. v.5, nº 1 (jan./jun. 1999). Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 69-94.

VASCONCELOS, Maria Drosila

(2002) “Pierre Bourdieu: a herança sociológica”. *Revista Educação & Sociedade*. Campinas, vol.23, nº.78, p.77-87.